

DEIXEI OS VERBOS NA MARGEM

Deixei os verbos na margem
e dobrei o lenço em que secaram os
prantos
da despedida.

Se tenho de chorar,
empresta-me hoje as tuas lágrimas.

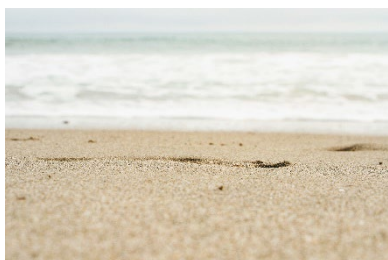
Depois de muitos anos,
voltei a percorrer os caminhos calcinados
que iluminaram os meus passos.

Hoje não posso afirmar
se aqueles passos indecisos
deixaram uma pegada
num vento muito forte.

Os sonhos ficam nus
quando deixamos de plantar
as árvores da esperança,
quando secam
nas nossas mãos trêmulas
as sementes pequenas
do pôr-do-sol.

Depois de tudo, tanto faz.
Depois de nada,
quem se atreve a começar de novo
esta tarefa
se as ferramentas se oxidaram
e desconheces
o pulso das novas?

Espera por mim atrás deste silêncio ferido.
Hoje como ontem doem-me as tuas
palavras
e obrigas-me a escrever
o testamento dos meus versos azuis.



Que ninguém te roube os sonhos
nem os envolva
num papel cinza.

Ferido da cabeça aos pés,
busco um relampago.
Com as tua mão?
Melhor com as mãos da criança
que vive a sua esperança
na porta do lado
e oculta as suas palavras
num cofre amarelo de silêncios.

Remoinhos de espuma
e outra porta que se fecha
na entrada das minhas paixões mais
autênticas.

Hoje como ontem
encaminho os meus passos
à encosta azul de um pensamento inédito.
E talvez na forja da melancolia
se iluminem os meus sonhos e amanheça.

Não é Deus alheio a esta tarefa.
Sinto-o estremecido
ao redor do meu sangue.
Pus-lhe um novo nome
para poder chamá-lo no silêncio
desta tarde amarela.

O eco da sua voz acaricia as árvores
e eu começo a dobrar as folhas do medo
para desligar a minha voz e as minhas
palavras.

Las Palmas, 2020

Blas Márquez Bernal, cmf

(FOTO: [Montylov](#))